

Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2020

Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguagens e princípios teóricos-metodológicos das ciências da comunicação 2 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-114-5 DOI 10.22533/at.ed.145201606</p> <p>1. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 2. Comunicação – Metodologia. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.4833</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As mudanças pelas quais os Estados-nação, as sociedades, os sujeitos e organizações têm passado em termos econômicos, culturais, políticos, econômicos, tecnológicos, sociais, identitários e idiossincráticos projetam luzes sobre os horizontes, desafios, possibilidades e perspectivas para o campo dos estudos da comunicação na contemporaneidade.

Nesse sentido, a obra intitulada “Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2” debate o(s) lugar(es) do campo, da ciência e das profissões da comunicação em um mundo hiperconectado e permeado pela cultura de consumo, pelo império do efêmero e pelos imperativos das redes e mídias sociais da Internet que encorpam emergentes modos de interação, diálogo, negócios, entretanto, também, de conflitualidades, discursos de raiva, desrespeito, cancelamento e vigilância.

Entendemos, nesta obra, que a comunicação tem como horizonte: 1. A coabitação de visões e percepções, muitas vezes, conflitantes; 2. A convivência e a coabitação. Estes fatores representam um grande problema, mas podem oferecer uma prodigiosa solução quando tratamos do cenário interativo-informacional do ecossistema comunicativo, posto que porta uma vocação democrática, ampliando os espaços de fala e expressão dos sujeitos.

As linguagens e princípios teórico-metodológicos das ciências da comunicação revelam a intrínseca relação entre comunicação e democracia. Nesse universo, as redes da Internet tornam-se o epicentro da profusão e legitimação da participação, colaboração e interação entre sujeitos, organizações e Estados. Em um mundo aberto no qual cada sujeito quer ter o direito e a liberdade de manifestar opiniões a respeito de tudo – e de todos –, o ecossistema digital é um habitat propício para tensionar organizações e poderes instituídos acerca de suas práticas, posicionamentos e políticas.

O poder, antes concentrado nas mãos dos grandes conglomerados de comunicação e vincado no modelo “de um – para muitos”, no contexto da comunicação virtual possibilitou uma maior participação social, legitimando o modelo de comunicação “de muitos – para muitos”, o qual é síncrono e independente das distâncias geográficas, afetando rigorosamente as diretrizes de construção de significado e a produção de relações de poder.

Com os meios de comunicação de massa tínhamos os sujeitos tecnologicamente alijados da participação ativa no processo comunicativo, relegados à condição de excluídos do processo de construção da mensagem que chegava; hoje, os fluxos de informação, produção e disseminação são pluridimensionais. Destarte, a comunicação inclui ligações preferenciais e a preferência pelas diversidades,

conectando sujeitos a organizações, populações a instituições governamentais, ativistas a movimentos sociais e cidadãos a cidadãos. Esse mundo informativo nos convida a analisar e aplicar as metodologias, epistemologias, teorias e linguagens que emergem da consolidação da comunicação e das novas socialidades propiciadas pela cultura de conexão, convergência e participação no contexto da sociedade contemporânea.

Sob essas premissas, este e-book reúne artigos de pesquisadores de todo o Brasil que vem se dedicando a investigar a comunicação por meio de variadas facetas, levando em conta sua natureza essencialmente dialógica, humana, participativa, caleidoscópica e complexa.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CIBERTEOLOGIA: COMUNICAÇÃO E FÉ NO ECOSISTEMA VIRTUAL	
Rodolpho Raphael de Oliveira Santos Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016061	
CAPÍTULO 2	14
METODOLOGIA Z UMA PROPOSTA PARA A ENGENHARIA DE SISTEMAS DIGITAIS PARA GESTÃO DA INFORMAÇÃO	
Paulo Sérgio Araújo Luis Manuel Borges Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.1452016062	
CAPÍTULO 3	42
AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (LE)	
Elizabeth Regina Makiko Moriya Uemura Edson José Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016063	
CAPÍTULO 4	53
A OPINIÃO PÚBLICA AINDA NÃO EXISTE? PENSANDO AS PESQUISAS DE OPINIÃO PÚBLICA NA ERA DO BIG DATA SEGUNDO AS CRÍTICAS DE BOURDIEU EM <i>A OPINIÃO PÚBLICA NÃO EXISTE</i>	
Pedro Neris Luiz Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.1452016064	
CAPÍTULO 5	65
AS PESQUISAS DOS ANTROPÓLOGOS SARAH BOHANNAN E CLIFFORD GEERTZ E DO TEÓRICO CULTURAL STUART HALL PARA PENSAR O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.1452016065	
CAPÍTULO 6	78
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR FRENTE ÀS COMPRAS EM SUPER E MINIMERCADOS NA CIDADE DE PATOS-PB	
Francisca Érika Nobrega da Silva Mariana Tomaz Silva Patrícia Lacerda de Carvalho Tatyanna Nadabia de Souza Lima Paes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016066	
CAPÍTULO 7	92
PUBLICIDADE, CONSUMO E NOVAS TECNOLOGIAS: UM ESTUDO DOS NOVOS COMPORTAMENTOS DO CONSUMIDOR NA SOCIEDADE EM REDE	
Danilo de Souza Moura José Maurício Conrado Moreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016067	
CAPÍTULO 8	104
DO VINIL AO STREAMING: FORMATOS DE DIFUSÃO E ARMAZENAMENTO DE MÚSICAS E	

SUAS RELAÇÕES COM A EXPERIÊNCIA DO OUVINTE

[Carlos Phillipe Kelency](#)

DOI 10.22533/at.ed.1452016068

CAPÍTULO 9 114

FESTA DE SÃO SEBASTIÃO. Espaço Simbólico e de Pertencimento Quilombola, Rio Andirá, Fronteira Amazonas/Pará

[João Marinho da Rocha](#)

[Marilene Corrêa da Silva Freitas](#)

DOI 10.22533/at.ed.1452016069

CAPÍTULO 10 124

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA CONTRA AS DE MATRIZ AFRICANA NA MÍDIA HEGEMÔNICA: ANÁLISE DE CONTEÚDO NOS JORNAIS “O GLOBO” E “O ESTADO DE S. PAULO”

[Roberto Marcello](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160610

CAPÍTULO 11 137

A MULHER NEGRA COMO APRESENTADORA DE TELEVISÃO

[Ana Carolina Huertas Antonio](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160611

CAPÍTULO 12 149

NINJA ES: COLABORAÇÃO E COMPARTILHAMENTO NA TERRITORIALIDADE INFORMACIONAL DURANTE AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS CAPIXABAS

[Ana Paula Miranda Costa Bergami](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160612

CAPÍTULO 13 162

A QUESTÃO DA INDEPENDÊNCIA DA CATALUNHA:
UM BALANÇO DO IMPACTO MUDIÁTICO DO SEPARATISMO ESPANHOL

[Rodolfo Silva Marques](#)

[Bruno Da Silva Conceição](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160613

CAPÍTULO 14 176

UMA MANCHETE EM REVISTA: destacabilidade e aforização

[Luís Rodolfo Cabral](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160614

CAPÍTULO 15 188

EVENTOS COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO E DE CONSUMO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA – SOCIOCULTURAL E ECONÔMICA DOS BANQUETES AS CASAS DE EVENTOS

[Iêda Litwak de Andrade Cezar](#)

[Joseana Maria Saraiva](#)

[José Alberto de Castro](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160615

SOBRE O ORGANIZADOR 206

ÍNDICE REMISSIVO 207

A MULHER NEGRA COMO APRESENTADORA DE TELEVISÃO

Data de aceite: 05/06/2020

Data de submissão: 20/05/2020

Ana Carolina Huertas Antonio

Universidade Presbiteriana Mackenzie

São Paulo – São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/0354668150153359>

RESUMO: Está pesquisa tem como objetivo verificar a presença da mulher negra como apresentadora de televisão. Com uma pesquisa de campo nas emissoras Globo, SBT, Record, Rede Tv, Band, Cultura e Gazeta em São Paulo, enxergasse a falta de mulheres negras neste cargo. Partindo da abolição da escravatura que não inseriu o negro na sociedade e principalmente no mercado de trabalho, pontuasse o cenário atual da população negra no Brasil para desenvolvimento da questão. A mulher teve dificuldades para se inserir no mundo profissional, e o negro mais ainda. Temos assim a mulher negra como última na fila da inserção social. Trazendo evidências do de início a entrada dessas duas minorias no jornalismo, obtemos o sexismo e o racismo como grandes obstáculos. Este projeto busca entender as causas desta falta de

representatividade e oportunidades, colocando o racismo estrutural como peça chave para esse problema. Trazendo também relatos de jornalistas negras sobre o preconceito dentro do jornalismo e como elas se sentem neste meio. Nos relatos se dá enfoque em duas jornalistas: Maria Julia Coutinho e Joyce Ribeiro, as únicas duas âncoras negras dos telejornais verificados. Enxergando a posição de apresentador de televisão o cargo do jornalismo mais ligado a estética, o rosto da notícia, está pesquisa busca levantar o questionamento de porque este rosto praticamente nunca é de uma mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher negra. Apresentadora. Televisão.

THE BLACK WOMEN AS A TELEVISION HOST

ABSTRACT: This research aims to verify the presence of black women as a television host. With a field research at Globo, SBT, Record, Rede Tv, Band, Cultura, and Gazeta stations in São Paulo, is clear the lack of black women in this position. Starting from the abolition of slavery, that did not include black people in society and especially in the job market, we have a current scenario for the black population in Brazil to develop the issue. The woman had

difficulties to insert herself in the professional world, and the black one even more. So, we have the black woman as last in the line of social insertion. Bringing evidence of the beginning of the entry of these two minorities into journalism, we obtain sexism and racism as the major obstacles. This project seeks to understand the causes of this lack of representativeness and opportunities, placing structural racism as the key to this problem. Also bringing reports of black journalists about prejudice within journalism and how they feel about it. The reports focus on two journalists: Maria Julia Coutinho and Joyce Ribeiro, the only two black anchors of the verified television news. Seeing the position of television host as the field of journalism more linked to aesthetics, the face of news, this research seeks to raise the question of why this face rarely is a black woman.

KEYWORDS: Black Woman. Host. Television.

1 | INTRODUÇÃO

De acordo com o IBGE o Brasil é um país constituído por 53% de sua população autodeclarada negra (pretos e pardos). Porém, uma pesquisa da Federação Nacional dos Jornalistas (2016), revelou que apenas 23% dos jornalistas brasileiros são negros, o que consolida o jornalismo como uma das profissões com a menor proporção de negros atuando.

O Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (Geema) realizou um levantamento (2016) nos três maiores jornais do país: *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Estado de S. Paulo*. A pesquisa constatou que os negros representam menos de 10% dos colunistas dos jornais e as mulheres negras praticamente não estão presentes. Elas representam apenas 4% das colunistas do jornal *O Globo*, 1% do *Estadão* e 0% na *Folha de São Paulo*.

Além de representar uma parcela tão pequena dos profissionais do jornalismo, ataques racistas, explícitos e velados, acontecem com os poucos representantes da população negra nos jornais televisivos. Maria Julia Coutinho foi a primeira mulher negra a ser a garota do tempo em 2013, no programa Bom Dia Brasil e atualmente está no Jornal Nacional. Porém, em 2016, logo após sua entrada em horário nobre, a jornalista sofreu ataques racistas nas redes sociais.

Glória Maria também é outro nome de destaque nessa questão. Ela foi a primeira repórter negra a entrar ao vivo em 1971 e mesmo assim, declarou em sua entrevista à TV Mulher que sofre até hoje com o racismo.

Em 1992, um estudo de Raça, Gênero e Mercado de Trabalho, de Denise Silva e Marcia Lima, observou que funções que exigiam determinados atributos estéticos como vendedora, recepcionista e secretária, tinham de quatro a cinco vezes mais mulheres brancas e amarelas do que negras. Ao analisar a mulher negra como

apresentadora de televisão, esta pesquisa busca analisar se o mesmo acontece com o jornalismo audiovisual.

O Brasil viveu mais de 300 anos de escravidão e até hoje a população negra sofre com as consequências dessa herança histórica. Eles são a maioria nos casos de violência policial e doméstica, são os primeiros afetados pelo desemprego em momentos de crise e enfrentam grandes obstáculos no meio profissional.

A abolição da escravatura não inseriu o negro no mercado de trabalho. Apenas retirou os indivíduos de um sistema escravocrata e os jogou em uma sociedade que não oferecia oportunidades, as poucas que surgiam eram para empregos extremamente precários.

Mesmo 130 anos após a Lei Áurea, a dificuldade da inserção do negro no mercado de trabalho é facilmente perceptível. Segundo o Ministério Público do Trabalho, pretos e pardos enfrentam mais dificuldades na progressão da carreira, na igualdade salarial e são mais vulneráveis ao assédio moral.

De acordo o IBGE, em 2018 a população negra representava 56,10% do povo brasileiro, 54,9% da força de trabalho com 47,3% em trabalhos informais e 64,2% dos desempregados. A situação é parecida com a época da abolição: os negros ocupam em sua maioria, os lugares mais baixos da hierarquia do trabalho, em grande parte em situação precária e são também a maioria dos desempregados.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos em 2016 analisou as 500 maiores empresas do Brasil e constatou que os negros têm participação em apenas 34,4% dos cargos, sendo apenas 4,9% do conselho de administração e o único nível em que são a maioria é no de trainees, com 58,2%. Para as mulheres negras a situação é ainda pior, elas representam apenas 10,6%, ocupando 10,3% do nível funcional, 8,2% da supervisão e 1,6% da gerência.

Quanto mais alto hierarquicamente, mais clara a cor de pele. Na parte executiva a presença da mulher negra reduz para apenas 0,4%, entre 548 diretores de ambos os sexos e todas as cores, apenas 2 são mulheres negras.

Para a mulher negra a busca de um lugar no mercado de trabalho é duplamente prejudicada pelo racismo e pelo machismo. A função de apresentadora televisiva tem o jornalista como rosto da notícia, é um espaço de visibilidade e representatividade. O objetivo principal desta pesquisa é analisar a presença da mulher negra neste cargo, contabilizar e analisar onde e como ela atua, procurando identificar o reflexo disso na sociedade. As emissoras analisadas serão: Globo, SBT, Record, Rede Tv, Band, Cultura e Gazeta.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As minorias no jornalismo: mulheres e negros

O censo de 2000 do IBGE registrou o jornalismo como uma das profissões com a menor proporção de negros no país. Se os negros no geral já são minoria, a mulher negra sofre duas vezes, uma por ser mulher e outra por ser negra.

No começo do século XX, as redações eram constituídas e pensadas assim como as antigas saunas: só para homens, contou José Hamilton Ribeiro em seu livro sobre a história da imprensa em São Paulo. “No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica.” Era um homem quem assumia o posto. Durante o dia, elas só circulavam na área de serviço (RIBEIRO, 1998, p. 31).

Na década de 1930 as mulheres começam surgir timidamente nas redações, porém majoritariamente em setores femininos como: beleza, moda, culinária, questões domésticas e fofocas. O número de mulheres foi crescendo lentamente nesse meio, em 1939, apenas 2,8% dos profissionais de jornalismo no estado de São Paulo eram mulheres; em 1950, 7% e, em 1970, 10%. Em 2004, elas se tornaram maioria: 52,4% em todo o país. Atualmente elas representam 64% dos jornalistas, são mulheres brancas, solteiras, com até 30 anos de idade, sendo assim, essa representação não serve para falarmos da mulher negra. (ROCHA, 2006, SANT’ANNA, 2013; FENAJ, 2013).

Buscando uma mídia feita por essas minorias, encontramos exemplos com a revista *Brasil Mulher* que surgiu em 1975 feito por um coletivo de mulheres e liderado por Terezinha Zerbini. Em 1976, surgiu o *Nós mulheres*, um jornal declaradamente feminista e em 1981, começou a circular o *Mulherio*, um jornal de reflexão sobre a condição da mulher trazendo temas polêmicos de discussão necessária como aborto, violência doméstica, condições de trabalho das mulheres, direitos reprodutivos, sexualidade e mulher na política.

2.2 A mídia reforça o racismo

A mídia é um espelho da sociedade distorcido que reforça a sub-representação e os estereótipos segundo Rangel (2008). Tal teoria é exemplificada nessa pesquisa ao comparar os números de mulheres negras na sociedade e no jornalismo.

Além da representatividade no jornalismo, é encontrado um déficit na publicidade quando falamos da presença dos negros. Sendo assim, a mídia televisiva reforça a falta de espaço para esta população, causando uma falsa sensação de minoria no sentido literal da palavra, em algumas situações até anulando a existência do grupo racial.

A veiculação maciça de propagandas em que desfilam, majoritariamente, pessoas brancas com características fenotípicas caucasianas, finda por naturalizar o sentido social de ser negro como um ser pertencente a grupo “minoritário”, convertendo a noção de “minoría” em traço semântico em si mesmo associado à pessoa negra. A consequência disso é o nascimento e a difusão da crença, na sociedade brasileira, de que esta é, plástica e predominantemente, branca! (BORGES e BORGES, 2012, p.47)

A falta de representatividade, espaço de fala e oportunidades agrava os problemas. A comunicação, ao abordar os assuntos sem um recorte de cor e sexo, silencia e estereotipa esse grupo. É essencial que se tenha uma equidade, seja na produção do jornalismo, na publicidade e até mesmo ao dar voz nas publicações.

Historicamente, a mídia recusa a adoção de uma perspectiva de gênero em seus conteúdos e reforça os estereótipos de gênero, raça e etnia, limitando a veiculação da opinião das mulheres em geral e invisibilizando a participação das mulheres negras e indígenas em todas as esferas da sociedade. Estas últimas, em razão da combinação do sexismo, do racismo e do etnocentrismo, estão na base da sub-representação, não têm suas demandas específicas contempladas na agenda midiática e ainda enfrentam o estereótipo de inferioridade intelectual, estética e moral. (BASTHI, 2011, p.7)

Seguindo a teoria de Basthi, as mulheres negras ao não terem espaço na produção e temas das pautas, tendo assim suas vivências e necessidades ignoradas. A falta de diversidade na produção do jornalismo resulta num déficit de perspectivas e, no caso da apresentadora de televisão, causa uma falsa sensação nos telespectadores de que não existem mulheres negras aptas para essa função.

Lutando contra esses estereótipos, as jornalistas que ocupam o cargo de apresentadora tem um grande desafio: enfrentar o preconceito e ocupar um lugar onde normalmente não são vistas. O racismo que ganha força na falta de visibilidade.

2.3 O racismo como obstáculo

Vera Daisy, 70 anos, mulher, negra e jornalista, trabalhou no setor esportivo do jornal Zero Hora em 1978. Pioneira em sua área, teve que conviver com o machismo e o racismo, “Isto estava em piadas, em expressões da redação e até mesmo em chamadas no jornal” declarou Vera em uma entrevista a revista *Conexão Afro*.

A jornalista Maria Julia Coutinho é um exemplo de como uma sociedade racista ainda se manifesta em ver a mulher negra em lugares de visibilidade. A primeira garota do tempo negra sofreu ataques de comentários racistas em seu Facebook em julho de 2016 ao entrar no Jornal Nacional.

“Muita gente imaginou que eu estaria chorando pelos corredores (...) Eu já lido com essa questão do preconceito desde que me entendo por gente (...) Fico muito indignada, mas não esmoreço, não perco o ânimo (...) A militância que faço é o meu trabalho, com carinho, dedicação e competência” declarou a garota do tempo a revista *Pure People*.

Glória Maria também é grande referência quando falamos de jornalismo

feminino e negro. Ela foi a primeira repórter negra da televisão brasileira em 1971 e também foi a primeira a entrevistar grandes celebridades como Michael Jackson.

Mesmo após 35 anos de carreira, ela declara que ainda sofre racismo, mas de uma forma mais velada, “O racismo não termina, mas ele tem diversas faces, agora eu já estou em um patamar em que as pessoas não vão dizer “Você não faz isso porque você é negra”, hoje a coisa é bem mais sutil [...].No Brasil até hoje eu preciso, na televisão, provar que eu sou uma profissional de talento, porque se não você é sufocada de uma maneira que você não imagina.” Declarou a profissional em uma entrevista a TV Mulher.

2.4 As apresentadoras negras da atualidade, Maju Coutinho e Joyce Ribeiro

Em uma pesquisa da Vaidapé, foram analisados 204 programas, de sete emissoras distintas, transmitidos entre o segundo semestre de 2016 e 2017, contabilizaram 272 apresentadores e apenas 10 eram negros. Com base nos dados, a análise fez a suposição e contabilizou que se um dia fosse composto pela programação de programas com apresentação, os negros ficariam no ar por 6 minutos.

A escassez da presença de jornalistas negras na televisão é evidente. Porém, indo contra essa maré de falta de representatividade, Maria Julia Coutinho (Maju) e Joyce Ribeiro vem quebrando barreiras e ocupando lugares nunca antes ocupados por mulheres de cor.

Joyce começou em 2002 no programa Fala Brasil da Record, em 2005 foi para o SBT onde apresentou cinco telejornais, sempre com outras pessoas na bancada, e saiu da emissora em 2017. Após quase 20 anos de carreira, ela se tornou a primeira mulher negra na frente de um telejornal noturno no dia 2 de abril de 2018 ao tomar frente do Jornal da Cultura.

Com um formato um diferente de telejornal, ela apresenta as notícias e tem um papel de mediadora no debate dos especialistas presentes no jornal.

Joyce Ribeiro sempre teve a televisão como objetivo desde a faculdade “eu queria trabalhar na televisão e sabia que entraria no inédito, porque eu não me via representada em nenhuma TV. Eu tinha ideia da dificuldade, mas não sabia que seria tanta assim, o dia a dia foi me mostrando que cada passo é uma luta.” Disse em entrevista a TV Aparecida.

“A conquista é contínua e diária, ainda temos um longo caminho a ser trilhado, mas as mulheres já estão inseridas no mercado de trabalho de uma forma que possibilite que elas lutem por aqui que falta. É um momento especial, se formos pensar a 20 anos isso não acontecia dessa forma, as mulheres estavam deixando as casas para entrar no mercado.” Declarou Joyce na mesma entrevista.

Após 68 anos de debates políticos, em 2018 ela foi a primeira mediadora negra de um debate presidencial, oportunidade que ocorreu em 21 de setembro na TV Aparecida. “A gente ainda destaca a presença de uma mulher negra em um debate presidencial, mas eu trabalho para que daqui algum tempo, a gente não tenha mais que destacar essa informação com estranheza, porque vai passar a ser algo normal.” Comentou a jornalista ao ser perguntada como se sentia ao entrar para a história.

Mesmo sendo a primeira a ocupar este espaço, ela reconhece que não chegou até aqui sozinha “Eu fico muito honrada, a minha conquista é a conquista de muitas pessoas. Para que eu esteja aqui hoje desempenhando esse papel, outras mulheres negras passaram e trilharam caminhos muito mais difíceis do que o meu, então o peso da responsabilidade vem nesse momento e eu transformo isso na melhor forma de fazer o meu trabalho.”

Maju Coutinho começou na TV Cultura em 2005 onde foi apresentadora do Jornal da Cultura e do Cultura Meio-dia. Em 2007 entrou para a rede Globo onde começou como repórter para vários telejornais e em 2013 estreou como “garota do tempo” apresentando a meteorologia e passando pelo Globo Rural, Bom dia SP, Bom dia Brasil, Hora Um, Jornal Hoje. Em abril de 2015 foi colocada como apresentadora da previsão do tempo ao vivo no Jornal Nacional.

Mesmo estando presente no principal jornal do país, ela ainda não ocupava o lugar de âncora. Porém, no mesmo ano a jornalista entrou para o rodízio de apresentadores do SPTV, foi apresentadora eventual do Jornal Hoje de junho de 2017 há 2019. Em 2018 ela passou a integrar o time de apresentadoras do Saia Justa na GNT e estreou em novembro do mesmo ano como apresentadora no Papo de Almoço da rede globo.

Após 14 anos de carreira na televisão, em 16 de fevereiro de 2019 Maria Julia se tornou a primeira mulher negra a integrar o corpo fixo de apresentadores do Jornal Nacional. A jornalista faz parte do time de revezamento aos sábados e feriados junto com Rodrigo Bocardí, Dony de Nuccio, César Tralli, Sandra Annenberg, Ana Luiza Guimarães, Flávio Fachel, Monalisa Perrone e Ana Paula Araujo, todos brancos.

Em entrevista ao portal F5, Maju declarou que sua estreia é simbólica e representativa, mas demonstrou um sentimento parecido com o de Joyce “Infelizmente, ainda é notícia. Espero que isso se torne cada vez mais comum e, no futuro, a cor da pele de um profissional não seja notícia ou mereça destaque”.

O Jornal Nacional teve sua estreia em 1º de setembro de 1969, sendo assim, no segundo semestre de 2019 completará 50 anos de exibição. Durante todos esses anos, Heraldo Pereira foi a única pessoa negra a ocupar a bancada no jornal, também no time rotativo. O principal jornal da maior emissora brasileira, só teve a primeira mulher negra na bancada após quase 50 anos de existência, em um cargo

rotativo, o que nos leva a refletir sobre a pergunta principal desta pesquisa: o déficit de mulheres negras como apresentadora de televisão.

2.5 Brasil: uma estrutura racista

A sociedade brasileira é composta por uma estrutura é racista. É importante entender e analisar este problema não apenas como um preconceito, uma violência direta, mas como um componente que interfere em todas as relações, pessoais e interpessoais. Partindo deste princípio fica mais claro o porquê da existência do déficit da população negra em posições altas da hierarquia do mercado de trabalho e as dificuldades de se chegar até lá.

Segundo Stokely Carmichael e Charles Hamilton, ativistas do grupo Pantera Negra e criadores da ideia de Racismo Institucional, o termo “trata-se da falha coletiva de uma organização em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica”.

O filósofo do direito Silvio Almeida, explicou em entrevista a editora Boi Tempo o que é racismo estrutural e como ele acontece na sociedade. Sua análise começa apresentando o racismo como algo normal e não anormal na sociedade, ele não pode ser visto como uma patologia, mas como algo que constitui as relações no seu padrão de normalidade. Sendo assim, o racismo é uma forma de racionalidade, de compreensão das relações e constitui ações conscientes e inconscientes.

Para ele, o racismo estrutural se constitui na sociedade através de três pontos estruturais: economia, política e subjetividade. Para exemplificar, o filósofo comenta sobre economia. Analisando o fato de que o grupo social mais afetado pela carga tributária brasileira são as mulheres negras, pois o sistema tributário reproduz as condições de desigualdade da pirâmide social, onde essas mulheres são as que recebem os menores salários.

Toda esta estrutura cria um ciclo de relações que tem interferência de um racismo velado ou não, uma estrutura social que se autoexplica ao ser analisada.

“Se eu ganho pouco, moro em lugares de grande vulnerabilidade, o ganhar pouco gera privações que vão gerando tensões familiares, sociais, que tornam as pessoas mais propensas a serem vítimas de algum tipo de violência. Então conseguimos estabelecer uma relação estrutural entre o baixo salário das mulheres negras, a constituição do sistema político tributário e falta de representatividade da mulher negra.” (ALMEIDA, 2016)

É a partir desta estrutura que se dão como consequências a dificuldade de ascender profissionalmente, de alcançar um estilo de vida estável e até mesmo de ter espaço para lutar por políticas públicas que busquem solucionar o problema. De acordo com Almeida, ao falar de estrutura incluímos também aquele que não concorda com o racismo, mas ao mesmo tempo não faz nada para combatê-lo e sendo assim não quer sair da “normalidade”, ajudando a manter o problema.

2.5 Onde estão os alunos negros?

Antes mesmo de chegar à profissão, a população negra encontra dificuldades para entrar na universidade por questões econômicas e de classe social. Segundo o IBGE, A Síntese de Indicadores Sociais revelou que de 2004 para 2014 o percentual de alunos pretos ou pardos que estavam em uma faculdade saltou de 16,7% para 45,5% e o número de estudantes brancos foi de 47,2% para 71,4% no mesmo período.

O que mostra que mesmo com o aumento de estudantes negros, os jovens brancos ainda predominam as universidades. Tal crescimento se deu em consequência do programa de cotas criado em agosto de 2012 que garante 50% das vagas em todos os cursos nas instituições federais de ensino superior levando em conta critérios socioraciais e o uso de programas sociais como o Prouni e o Fies, comprovado pelo MEC que os negros são maioria nesses financiamentos, no FIES eles representam 50,07% e nas bolsas do Prouni 52,10%.

A USP (Universidade de São Paulo) em 2017 tinha apenas 15,5% de alunos pretos e pardos, porém iniciou o sistema de cotas sociais e raciais em seu vestibular no ano de 2018 buscando aumentar esses números. Segundo o MEC (Ministério da Educação) apenas 32,5% dos alunos de instituições superiores no Brasil não são brancos.

Tais números levantam o questionamento de que a ausência de minorias raciais em cargos mais altos do mercado de trabalho vem também de um racismo estrutural que dificulta a chegada do jovem à universidade e consequentemente a posições que exigem uma formação acadêmica.

3 | METODOLOGIA

Esta pesquisa busca identificar onde está a mulher negra no telejornalismo e tem como pergunta problema “Qual a quantidade de profissionais negras como apresentadoras de TV na cidade de São Paulo, onde e como elas se apresentam? E se há realmente um déficit, o que isso representa?”.

A metodologia se divide em quantitativa e qualitativa. A quantitativa se deu:

- Numerando e identificando as profissionais negras como apresentadora de telejornal nas principais emissoras de São Paulo da televisão aberta: Globo, SBT, Record, Rede Tv, Band, Cultura e Gazeta. Usando a pesquisa da Vaidapé como base.
- Identificando os números da população negra no mercado de trabalho, através de dados do IBGE e pesquisas como Ethos e Geema.
- Identificando o número de jovens de cor no ensino superior

É também qualitativa, pois traz entrevistas e declarações de jornalistas negras e levanta questionamentos sociais como o racismo institucionalizado e ações afirmativas.

4 | RESULTADO E DISCUSSÃO

Após quantificar as apresentadoras atuais do jornalismo paulistano, foi constatado que as únicas apresentadoras negras nas emissoras analisadas são Maria Julia Coutinho e Joyce Ribeiro. Maju em uma escala rotativa aos sábados e Joyce em um telejornal que por si só busca fugir dos padrões, trazendo comentaristas e tendo a jornalista num mix de apresentadora e mediadora.

Ao comentar a sobre o problema desta pesquisa, as duas tem a mesma opinião: Lamentam que nos dias de hoje ainda estejam quebrando barreiras, enxergam que muitas mulheres precisaram lutar para que elas pudessem chegar onde estão e declaram que ainda existe um caminho duro a ser trilhado para trazer mais mulheres como elas para a câmera.

A mulher negra não está nas telas da tv, pois é a base da pirâmide social. O racismo estrutural dificulta a chegada delas na educação, em trabalhos estáveis e altas posições no mercado de trabalho, incluindo o cargo de apresentadora televisiva. As que conseguem se formar e entrar no mercado jornalístico encontram uma trilha difícil por dois motivos principais: o racismo e a “novidade”, o fato mulheres como elas raramente ocuparem tal espaço.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria Julia Coutinho e Joyce Ribeiro foram as duas jornalistas encontradas e ambas apresentam as mesmas lamentações e desafio. O déficit apresentado aqui reflete um problema de toda sociedade brasileira: o racismo, a falta de oportunidades e ações afirmativas para a população negra.

O racismo estrutural mantém um sistema preconceituoso, ignora o racismo, a falta de oportunidades e a necessidade de ações afirmativas para esta minoria. A falta de negros na comunicação reforça o preconceito, retira a voz da população no processo de produção da notícia, perde local de fala, representatividade e deixa de criar pautas que muitos jornalistas brancos nem imaginam que sejam necessárias.

O cargo de apresentadora está ligado à estética e a ideia de “rosto da notícia”. Trazer um rosto negro e feminino para as telas diante de uma sociedade racista expõe o preconceito como no caso das primeiras aparições de Maju, mas isto só prova como é necessário introduzir as jornalistas e desmistificar essa ideia de sociedade branca, onde ser negro não é aceito. Como é possível um país com mais

de 50% de sua população negra, só ter uma mulher negra na bancada no jornal nacional mais popular do país após 50 anos de sua existência?

A mídia é formadora de opinião não apenas quando decide o que vai ser notícia, mas também quando decide quem vai colocar na tela, em que posição e em que situação.

REFERÊNCIAS

BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. **Mídia e racismo**. Petrópolis, RJ: DP et alii, 2012.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Mulher negra no mercado de trabalho**. Estudos feministas, v. 3, n. 2, 1995.

CANDIDO, Marcia Rangel; JUNIOR, João Feres. Jornalismo Brasileiro: gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais do país. Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em <<http://gemaa.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-genero-cor-raca-dos-colunistas-dos-principais-jornais/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

CARMICHEAL, S. e HAMILTON, C. **Blackpower: the politics of liberation in America**. New York, Vintage, 1967, p.4.

CAMPOS, Poti Silveira. **A opção do jornalismo**. 2011. Disponível em: <<https://conexaoafro.wordpress.com/2011/05/26/a-morte-de-abdias-nascimento-uma-perda-irreparavel/>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

GUIDORIZZI, Guilherme. **Maju lembra reação ao ser vítima de racismo: ‘Chorei abraçada com o meu marido’**. 2015. Disponível em: <https://www.purepeople.com.br/noticia/maju-lembra-reacao-ao-ser-vitima-de-racismo-chorei-abracada-com-o-meu-marido_a88165/1>. Acesso em: 20 fev. 2019.

GONSALVES, Adeldo. **Jornalistas negras não estão nas redações**. Observatório da Imprensa: você nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito, 2008. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/jornalistas-negras-nao-estao-nas-redacoes/>>. Acesso em 1 nov. 2016

INSTITUTO ETHOS. **Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e Suas Ações Afirmativas**. São Paulo, 2016. Disponível em <https://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Perfil_Social_Tacial_Genero_500empresas.pdf> Acesso em: 15 mar. 2018.>. Acesso em 1 nov. 2016.

MATIAS, Karina. **Maju Coutinho diz que ser a 1ª mulher negra na bancada do JN é simbólico: ‘Espero que se torne comum’**. 2019. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2019/02/maju-coutinho-diz-que-ser-a-1a-mulher-negra-na-bancada-do-jn-e-simbolico-espero-que-se-torne-comum.shtml>>. Acesso em: 5 out. 2018.

MINISTERIO DOS DIREITOS HUMANOS. Em 3 anos, 150 mil negros ingressaram em universidades por meio de cotas. **Secretaria Nacional de Políticas de promoção da Igualdade Racial**, 21 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/noticias/2016/03-marco/em-3-anos-150-mil-negros-ingressaram-em-universidades-por-meio-de-cotas>>. **Acesso em: 7 out. 2016.**

NASCIMENTO, Sílvia. **Na imprensa brasileira, o negro não tem opinião**. Mundo Negro, 2016. Disponível em: <<http://www.mundonegro.inf.br/na-imprensa-brasileira-negro-nao-tem-opinioao/>>. Acesso em: 10 nov. 2016

OLIVEIRA, Tory. **Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil**. Carta Capital, 20 de nov.

2017. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>> Acesso em: 20 mar. 2018.

RANGEL, Patrícia. **Mulheres na mídia: um espelho distorcido**. Cfemea, 18 set. 2008. Disponível em: <www.cfemea.org.br/index.php?option=comcontent&view=article&id=2752:mulheres-na-midia-um-espelho-distorcido&catid=213:noticias-e-eventos&Itemid=148>. Acesso em 5 nov.2016.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROCHA, Paula Melani. **Mulher jornalista, relações familiares e profissionais**. Revista Jurídica Eletrônica UNICOC, n°2, outubro de 2005. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2542864.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

SANTANA, Henrique; SALLES, Iuri. **Por que os negros não apresentam programas de televisão**. 2017. Disponível em: <<http://vaidape.com.br/2017/06/pesquisa-apresentadores-negros-na-televisao/>>. Acesso em: 13 set. 2018.

SALES, Robson. **IBGE: Acesso de negros à universidade cresce; maioria ainda é branca**. Valor Econômico, 2016. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/4342534/ibge-acesso-de-negros-universidade-cresce-maioria-ainda-e-branca>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

SILVA, Denise Ferreira da; LIMA, Marcia. **Raça Gênero e Mercado de Trabalho**. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro CEAA, dez. 1992.

TV APARECIDA. **Joyce Ribeiro fala sobre trajetória de sucesso**. 2018. (17m37s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g9mBwqtiZso&t=2s>>. Acesso: 5 out. 2018.

TV BOI TEMPO. **O que é racismo estrutural? // Silvio Almeida**. 2016. (10m28s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU>>. Acesso: 7 abr. 2019.

VIVA. **Glória Maria – Tv Mulher**. 2016. (11m47s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g2PJJ_F6yEQ&t=1s>. Acesso em: 20 ago. 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aforização 176, 180, 181, 182, 186, 187

Análise de Conteúdo 124, 157

Andirá 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123

Antropologia 40, 65, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 77, 121, 123, 204, 205

Aprendizagem 32, 35, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 153

Apresentadora 137, 139, 141, 143, 144, 145, 146

B

Big data 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

C

Capa de revista 176, 177, 178, 182, 186

Catalunha 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175

Ciberteologia 1, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Comportamento do Consumidor 78, 79, 80, 91, 97

Consumo 65, 66, 68, 72, 75, 82, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 109, 110, 183, 188, 189, 190, 191, 200, 201, 203, 204, 206

Convergência 71, 72, 92, 95, 97, 99, 101, 102, 152, 153, 160, 166, 173

Cultura 1, 2, 3, 5, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 22, 31, 35, 37, 45, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 80, 92, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 111, 113, 114, 121, 123, 126, 134, 136, 137, 139, 142, 143, 144, 145, 150, 152, 153, 154, 160, 161, 166, 169, 175, 190, 196, 204, 205

D

Destacabilidade 176, 178

Duolingo 42, 43, 45, 47, 51

E

Ecologia da Comunicação 124, 126, 136

Engenharia de Sistema 14

Ensino 19, 32, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 97, 120, 145, 157

Epistemologia 65, 171

Estudos Culturais 65, 66, 69, 72, 73, 75

F

Fé 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 118, 119, 121, 133, 134

Frases sem texto 176, 178, 187

I

Interconectividade 14, 21, 33, 38, 39

Intersubjetividade 14, 21, 26

Intolerância Religiosa 124, 125, 131, 132, 133, 134, 135, 136

L

Língua estrangeira 42, 43, 46, 52

M

Marketing 78, 79, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 205

Memória 35, 110, 111, 112, 114, 115, 118, 119, 122, 123, 153

Metodologia 14, 20, 21, 23, 65, 78, 84, 90, 119, 121, 123, 126, 145, 157

Mídia 1, 16, 33, 35, 92, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 107, 108, 109, 110, 111, 124, 136, 140, 141, 147, 148, 150, 152, 153, 159, 160, 162, 206

Mídias 5, 11, 13, 35, 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 92, 95, 97, 99, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 153, 154, 167, 206

Midiativismo 149, 158

Minimercados 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 90

Mulher negra 72, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Música 50, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 192, 205

O

Objetivação 14, 17, 21, 22, 24, 25, 36

Opinião Pública 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 133, 164

P

Pesquisas 21, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 71, 72, 88, 145

Plataforma digital 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 32, 33, 36, 37

Q

Questionários 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 84

Quilombos 114, 115, 122, 123

R

Redes sociais 4, 5, 7, 11, 95, 96, 138, 149, 150, 152, 154, 159, 160, 161, 178, 206

Requisitos 14, 23, 32, 36, 40, 41

Revista semanal 176, 178

S

Semiótica 71, 104, 105, 107, 112, 113

Separatismo 162, 163, 164, 168, 170, 172, 174

Sociedade 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 24, 26, 27, 28, 34, 39, 41, 42, 44, 55, 59, 67, 72, 82, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 114, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 144, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 159, 163, 165, 190, 195, 200, 201, 203, 204, 205

Subjetivação 14, 17, 21, 23

Supermercados 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89

T

Televisão 93, 101, 131, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 153, 201

Territorialidade informacional 149, 154, 157, 158, 160

Tradição 8, 12, 68, 114, 118, 119, 121, 123, 134

 **Atena**
Editora

2 0 2 0